

O IDEÁRIO DA EUGENIA E PERSONALIDADE

Melline, Ortega Faggion, (CAPES; Universidade Estadual de Maringá; Linha 3: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos; Maringá-Paraná; Brasil). Maria Lucia Boarini (Universidade Estadual de Maringá; Linha 3: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos; Maringá-Paraná; Brasil).

contato: melline.ortega@hotmail.com

RESUMO

A eugenia pode ser entendida como um conjunto de ideias que visam o melhoramento “físico, psíquico e moral” da “raça” humana. A ideia de melhoramento da “raça” humana teve início no período da Antiga Grécia, contudo os estudos científicos pautados pelo princípio de aperfeiçoamento humano foram desenvolvidos no final do século XIX a partir das investigações do médico e matemático inglês Francis Galton (1822-1911) e da influência dos estudos de Charles Darwin (1809-1882), o que levou a eugenia ser entendida como “darwinismo social”. De maneira geral as medidas eugênicas tinham como objetivo proteger e garantir a “boa herança” genética das futuras gerações, neste sentido, o ideário da eugenia, a princípio se propagou na Inglaterra e foi incorporado em projetos políticos de inúmeros países, incluindo o Brasil. Neste estudo bibliográfico, estamos analisando a concepção de personalidade para os eugenistas. Para alcançar tal objetivo, faremos uma análise das obras Psicologia da Personalidade (1957) e Tipos Vulgares (1938), ambas de autoria de Renato Kehl (1889-1974), um grande expoente das ideias eugênicas no Brasil. Nosso referencial teórico de análise está pautado no materialismo histórico. Por se tratar de um estudo ainda em desenvolvimento, faremos algumas considerações a respeito do que foi desenvolvido até o presente momento.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Eugenia. Personalidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto nossa trajetória de pesquisas sobre a temática da eugenia, realizada por meio de programas que fomentam a iniciação científica durante a graduação e pela nossa participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e Eugenia (GEPHE). Durante este percurso investigamos sobre a temática da eugenia em diferentes contextos. No âmbito das políticas públicas, em especial da Política de Planejamento Familiar, na questão histórica do movimento eugênico, neste caso destacamos os estudos

referentes ao movimento eugênico brasileiro e ibérico, e até mesmo a investigação da temática da eugenia no campo das práticas de melhoramento genético. Podemos dizer que o aprofundamento desta temática fomentaram questionamentos a respeito da repercussão das ideias eugênicas e sua aproximação com a ciência psicológica, contudo, dada a variedade teórica e temática da psicologia, julgamos inviável a possibilidade de realizar uma análise, dentro dos prazos estabelecidos para este estudo, que pudesse comparar efetivamente tudo aquilo que se refere à psicologia para deste modo afirmarmos quais são as proximidades entre psicologia e eugenia. Por esta razão, optamos por realizar um recorte temático, neste caso estudar aquilo que se refere ao construto teórico sobre a personalidade.

Ao longo dos nossos estudos, verificamos que aqueles que se dedicaram a estudar sobre a eugenia se embasavam em questões de “caráter” ou de “natureza” humana para fundamentar suas investigações. Tal fato fez com nos questionássemos a respeito da noção de homem, ou melhor dizendo, dos pressupostos utilizados pelos eugenistas quando explicavam sobre a constituição humana. Assim, estabelecemos como objeto deste estudo a personalidade e como objetivo *analisar as discussões eugênicas que versavam sobre personalidade*.

A fim de ilustrarmos o que foi desenvolvido até agora, faremos uma breve explicação do que se entende por eugenia e em seguida traremos alguns apontamentos sobre a personalidade, como historicamente este assunto passou a fazer parte do campo da psicologia e como a questão da personalidade permeou as discussões dos eugenistas.

Breve apresentação da eugenia

A eugenia teve sua sistematização científica na Inglaterra no final do século XIX, o termo foi cunhado pelo inglês Francis Galton (1822-1911) e tem como princípio o melhoramento moral, físico e psíquico da “raça” humana e das futuras gerações. Este

conjunto de ideias teve a influência da teoria da evolução da espécie de Charles Darwin (1809-1882).

A Eugenia é a ciência de Galton; é a hominicultura de Landouzy¹; é, em suma, a ciência cujos intuitos consistem em converter <<as estirpes avariadas em estirpes sãs>>; cujas bases se assentam conforme definiu Galton <<no estudo dos fatores susceptíveis de serem regulados pelos homens, que podem melhorar ou piorar as qualidades das gerações futuras, quer no ponto de vista físico, quer no ponto de vista psíquico>>. (...) A definição da Eugenia é curta, os seus fins são imensos: *é a ciência do aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana.* (Kehl, 1922. p.26-27)

No início do século XX estas ideias ganharam espaço nos países da Europa e posteriormente em outros países do mundo, incluindo o Brasil. Stepan (2005) explica que a eugenia pode ser entendida como um movimento social e um movimento científico. Científico por se caracterizar como uma tentativa de aplicação social dos estudos e conhecimentos sobre hereditariedade, de modo alcançar uma melhor reprodução humana e uma ciência/teoria que prioriza o aprimoramento da “raça” humana, isto é, pretendia preservar a “pureza” de um determinado grupo de pessoas, neste caso, os brancos. Era entendido como um movimento social devido às propostas sociais que visavam proteger a herança genética dos homens e para tanto era necessário a criação de medidas que encorajassem a reprodução de certos grupos sociais e outras medidas que evitassem a reprodução de determinados grupos.

A adesão deste ideário fez com que muitos intelectuais se dedicassem aos estudos e campanhas em prol da eugenia, tais intelectuais são referenciados pela literatura como “eugenistas”. Embora a eugenia tenha ganhado destaque a partir dos estudos de Galton é necessário destacar que este ideário antes mesmo de sua sistematização científica foi discutido pelos filósofos gregos no período da Antiga Grécia. Domingues (1942) nos explica que na civilização helenística podemos encontrar ideias que posteriormente se assemelhariam ao

¹ Louis Théophile Joseph Landouzy (1845-1917) foi um médico neurologista francês discípulo do médico Jean-Martin Charcot (1825-1893). Suas contribuições influenciaram a luta contra a tuberculose, higiene pública, semiologia e seroterapia. (Historia de la Medicina, 2005).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

eugenismo “atual”. No período da Antiguidade havia discussões sobre uma “raça ideal”, isto é, não houve por parte dos gregos a organização destes pensamentos em forma de ideário tal como conhecemos a partir de Galton. Contudo, é importante destacarmos as contribuições desta época para aquilo que posteriormente ganharia corpo e formato de um conjunto de ideias e medidas sociais ao final do século XIX. Os propósitos gregos estavam relacionados com as condições e necessidades da sociedade da época. Em Esparta, por exemplo, havia a necessidade de homens com bom porte físico para auxílio nas guerras e por conquista de território.

[...] na antiga Grécia, Licurgo, legislador que excluiu o radicalismo desumano de seus processos, poderia servir de modelo aos de hoje, cioso das glórias de Esparta, terra de homens fortes e valentes, foi o precursor da Eugenia. As leis espartanas atestam o culto desse ilustre lacedemônio pela perfeição dos seus guerreiros. Ele procurava eliminar as crianças fracas ou invalidas e ditava aos pais que legassem aos filhos não a riqueza, mas a saúde e a robustez. (Kehl, 1920,p.30-31)

É necessário conhecer as ideias de aperfeiçoamento da “raça” durante o período da Antiga Grécia, pois através delas podemos notar diferenças das propostas eugênicas surgidas no final do século XIX. As propostas eugênicas do final do século XIX e início do século XX estiveram mais articuladas às propostas políticas, embora de acordo com estudos de Diwan (2007) a eugenia “contemporânea” tenha adotado um discurso científico “neutro e analítico”, parecendo não estar vinculada a embates políticos, ideológicos de opressão e dominação. “O conhecimento científico se sobrepõe à experiência humana; as relações sociais determinadas pela história cumprem um papel secundário.” (Diwan, 2007.p. 15).

Nesta discussão, é importante destacar sobre o uso do termo “raça”. Schwarz (2005) explica que o termo “raça” recebeu além de uma definição biológica também uma

interpretação social “[...] cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado [...]”² (p.17).

Em se tratando do movimento eugênico é importante ressaltar a grande influência das ideias eugênicas europeias no desenvolvimento das campanhas eugênicas no Brasil. Os eugenistas brasileiros despenderam esforços para “eugenizar” o país. Ao fazermos um recorte na América Latina, por exemplo, destacamos que a primeira sociedade eugênica fundada na América do Sul foi a Sociedade Eugênica de São Paulo no ano de 1918, cuja missão era realizar

[...] estudo e aplicação das questões da hereditariedade, descendência e evolução para a conservação e melhoria da espécie humana; no estudo e aplicação das questões relativas á influencia do meio, do estudo econômico, da legislação, dos costumes, do valor das gerações sucessivas e sobre aptidões físicas, intelectuais e morais; no estudo das ciências que se relacionam com a Eugenia; na divulgação, entre o publico, de conhecimentos higiênicos e eugênicos para o bem do individuo, da coletividade e das gerações futuras. (Kehl, 1920. p.93)

Os eugenistas acreditavam que os fenômenos sociais poderiam ser compreendidos e explicados através da ótica biologicista e positivista, por esta razão encaravam os fenômenos sociais, a partir de uma perspectiva padronizada, genética e possível de ser controlada socialmente. Tal forma de compreensão dos fenômenos não foge a regra quando o assunto é o desenvolvimento do homem, assim sendo os eugenistas acreditavam que através do controle e seleção das “boas estirpes” conforme explica Kehl (1922) estaríamos protegendo e melhorando as futuras gerações e desta maneira, garantindo o “bom” desenvolvimento dos homens e da nação.

Sobre a personalidade

² O termo raça é utilizado pelos eugenistas para designar superioridade entre grupos sociais. Esta tese não se sustenta, tendo em vista os estudos genéticos que indicam a não existência de “raças” humanas. Assim, ressaltamos que a utilização do termo “raça” ao longo do trabalho faz referência à concepção eugenista.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

O estudo da personalidade não é uma preocupação exclusiva do âmbito da psicologia. Historicamente podemos verificar que este assunto permeou estudos e questionamentos dos filósofos gregos na Antiga Grécia e posteriormente continuou a ser debatido no período determinado como “modernidade”.

Em se tratando do período da Grécia Antiga, destacamos o filósofo grego Empédocles (495 a.C- 430 a.C) que acreditava que a natureza dos homens era composta por ar, terra, fogo e água. Já Hipócrates (460 a.C- 377 a.C) tinha como proposição que havia influência do macrossomo no microssomo e portanto acreditava que o homem era composto por quatro humores: colérico (irritado), sanguíneo (esperançoso), melancólico (triste) e fleumático (apático). Esta teoria é denominada como “Teoria dos quatro humores”. (Allport, 1973).

[...] é forçoso que o homem não seja uno; mas cada um dos humores que contribuem para a gênese [...] E necessário também, que cada humor retorne à sua própria natureza, tendo chegado ao seu fim o corpo do homem [...] a natureza de todos os seres é formada a partir de todos estes humores. [...] (Cairus & Ribeiro, 2005.p.761).

É importante destacar que além dos estudos gregos, houve também a contribuição da medicina no que tange o desenvolvimento de estudos sobre a personalidade. Os intelectuais que se dedicaram ao estudo da personalidade foram denominados pela literatura como “teóricos da personalidade”, como por exemplo, Sigmund Freud (1856-1839), Carl Gustav Jung (1875-1961), Pierre Janet (1859-1947), Jean-Martin Charcot (1825-1893) e Willian McDougall (1871-1938) dentre outros estudiosos que trouxeram grandes contribuições sobre a temática. Tais estudos foram fomentavam questões como a unidade ou fragmentação do comportamento humano. McDougall, um dos pioneiros nos estudos modernos da personalidade, destacou sobre a necessidade de estudos sobre a personalidade devido à brecha existente entre a vida real e prática dos profissionais da medicina. (Hall & Lindzey, 1973).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Foi a partir dos estudos médicos no século XIX que a teoria da personalidade convergiu com os estudos dos intelectuais do campo da psicologia. Vale lembrar que os estudos sobre a personalidade não ocorreram de forma separada do desenvolvimento e consolidação da psicologia como ciência no século XIX. Contudo, a ligação histórica entre teoria da personalidade e aplicação prática por parte da medicina, fez com que estabelecesse uma distinção entre a teoria da personalidade e outros tipos de teoria psicológica.

[...] há duas generalizações a respeito da teoria da personalidade. A primeira delas é que *a teoria da personalidade tem desempenhado um papel dissidente no desenvolvimento da psicologia*. Os teóricos da personalidade foram, em sua época, dissidentes. Dissidentes na medicina e na ciência experimental, dissidentes em relação às ideias convencionais [...] Várias implicações importantes decorreram do fato de a teoria da personalidade nunca ter estado profundamente ligada à corrente dominante da psicologia acadêmica. [...] Uma segunda generalização é que *as teorias da personalidade são funcionais em sua orientação*. Elas se relacionam com questões importantes para o ajustamento do organismo.[...] foi somente o teórico da personalidade quem, nos primórdios da psicologia, cuidou de questões centrais de que dependia o sucesso da nova ciência. (Hall & Lindzey, 1973.p.16-17).

Ainda sobre a questão da personalidade, destacamos que os intelectuais da eugenia se mostraram preocupados em entender e também discutir sobre a formação do “caráter”/personalidade dos homens para desta forma compreender as questões sociais daquele momento, isto é, no século XX.

Os eugenistas tinham como preocupação com o aperfeiçoamento da “raça” humana, este princípio central, possibilitava um ramo de discussão em torno desta temática, isto incluiu a questão do desenvolvimento da personalidade e de suas características. Tendo em vista que a eugenia parte da premissa de que a constituição humana é, em primeira ordem, biológica, as explicações daquilo que se referem à personalidade humana, giraria em torno de justificativas desta ordem. Portanto, para os eugenistas, ainda que seja importante levar em conta as influências do meio/externas e até mesmo a educação, nenhuma medida seria capaz de transformar efetivamente aquilo que foi geneticamente determinado. “Todo o indivíduo,

como tenho dito, é produto de dois fatores: hereditariedade e educação; a primeira garante a personalidade específica e a segunda a personalidade adquirida.” (Kehl, 1927. p.130-131).

É interessante destacar que para fundamentar tais preposições, os eugenistas, neste caso Renato Kehl (1889-1974), renomado eugenista brasileiro, encontrou na psicologia, subsídio teórico para suas teorizações.

MÉTODO

Por meio de uma revisão de literatura, estamos analisando a concepção de personalidade para os eugenistas. Para atendermos a proposta central deste estudo, adotamos como referência duas obras da autoria de Renato Kehl, “Psicologia da Personalidade” cuja 1ª edição foi publicada em 1941, porém trabalharemos com a 7ª edição do ano de 1957 e a obra “Tipos Vulgares” publicada em 1927. É importante destacar que consideraremos outras publicações dos eugenistas tendo em vista a possibilidade de contribuições de outros materiais no que tange a realização deste estudo.

Nossa investigação tem como referencial teórico o materialismo histórico. Tendo em vista este referencial teórico, é necessário destacar que a questão de método científico não se refere somente à organização de ferramentas que visam investigar o objeto em questão, neste caso, a personalidade. O método nos auxilia na compreensão realidade, isto é, no estudo do objeto que nela se encontra, portanto, para investigá-lo é necessário abstrair suas múltiplas determinações sem perder de vista sua totalidade, dito de outra maneira, aquilo que se refere às relações históricas e sociais. Portanto, quando nos propomos a investigar sobre a personalidade a partir da concepção dos eugenistas, procuraremos avaliar as condições materiais que permitiram que tais intelectuais lessem a realidade daquela época e isto inclui a noção de desenvolvimento da personalidade dos homens. Entender tais condições não quer

dizer estabelecer uma interpretação reflexa e passiva da realidade da época, mas entendê-la como um processo.

RESULTADOS PROVISÓRIOS

O levantamento das produções abrigadas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, na Biblioteca Virtual em Saúde-Psicologia (BVS-psi) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos permitiu fazer um mapeamento de trabalhos de teses e dissertações produzidas sobre a temática da personalidade e eugenia.

O mapeamento em questão foi realizado com os seguintes descritores: *personalidade; eugenia, psicologia; Renato Kehl*. A busca resultou em alguns trabalhos referentes à eugenia, nenhum deles fazia referência à questão da personalidade para os eugenistas. Destacamos dois trabalhos que apresentam correlação entre eugenia e a psicologia, trata-se do estudo de Masiero (2000) que investigou os pressupostos eugênicos nas estratégias da psiquiatria profilática e a maneira que estes pressupostos foram incorporados pela psicologia científica no começo do século XX, e do mesmo autor, Masiero (2004) sobre a formação histórica da psicologia racial no Brasil. Os trabalhos que faziam discussões diretas sobre a questão da eugenia não estavam relacionados com o campo da psicologia. Desta forma, identificamos carência que relacionam psicologia e eugenia. Com isto, esperamos que o presente trabalho possa trazer contribuições no âmbito de estudos da história da psicologia, e deste modo fornecer subsídios para uma formação crítica que não se desprende das questões históricas e materiais que vincularam a consolidação da psicologia como ciência.

A breve apresentação da trajetória histórica do ideário da eugenia favorece a compreensão da maneira que este conjunto de ideias se manifestou em determinada época, é o caso das ideias eugênicas no período da Grécia Antiga e posteriormente das ideias eugênicas

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

na contemporaneidade. Entender as especificidades e diferenças da eugenia nos permite entender que a manifestação deste fenômeno não se descola da perspectiva histórica.

As contribuições dos filósofos gregos com relação ao estudo da construção da personalidade bem como a “iniciativa” dos profissionais da medicina no campo de estudo sobre este assunto possibilitaram que a temática da personalidade se tornasse um tema a ser investigado pela psicologia. O delinear, ainda que breve, da trajetória da eugenia, bem como da personalidade, nos permite compreender a forma que tais questões se interseccionam em um dado momento.

Destacamos também, como os eugenistas, especificamente Renato Kehl, obtiveram respaldo de estudos psicológicos para fundamentar seus pressupostos a respeito da personalidade.

Eis, pois, que da psicologia transcendental e filosófica passou-se à clássica instrumentalista e educacional e por fim à psicologia médica que, indubitavelmente mais tem contribuído para remover os escombros do vetusto psicologismo intelectualista, abrindo os atuais rumos que a psicocrítica e a psicotécnica erigiram os alicerces da “psicologia da personalidade”, cujo conhecimento constitui cabedal indispensável não só para os estudantes de medicina e os médicos, como para todos os que se dedicam a questões pedagógicas, de orientação técnica ou profissional, como para os administradores e o público culto em geral. (Kehl, 1957. p.18-19).

Assim sendo, a psicologia apresentara contribuições no que tange ao conhecimento do homem e sua interdependência de fatores somáticos e psíquicos e das condições fisiológicas e do meio. A psico-crítica, conforme designa Kehl (1957) como a “psicologia do biótipo” procuraria entender a dinâmica e estrutura da personalidade, tendo em vista os fatores e as condições supracitados.

Em nossa análise, a concepção eugenista de personalidade atribui ao processo de constituição humana características exclusivamente biologicistas desconsiderando assim a sociabilidade humana no que tange a constituição do indivíduo. Desta forma, coloca o sujeito em condições imobilizantes no que confere ao seu desenvolvimento.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allport, G. W. (1973). *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. (4ªed.). São Paulo: Edusp.

Cairus, H. F., Ribeiro, W. A. Jr. (2005). *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*.

Rio de Janeiro: Fiocruz. Disponível em: <[ww.books.scielo.org/](http://www.books.scielo.org/)>

Diwan, P. (2007). *Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo:

Contexto.

Domingues, O. (1942). *Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios (Em cinco lições)*.

São Paulo: Companhia Editora Nacional

Hall, C.S.; Lindzey, G. (1973). *As teorias da personalidade*. (9ªed.) São Paulo: EPU/EDUSP.

Historia de la medicina. (2005). Louis Théophile Joseph Landouzy (1845-1917). Recuperado de <http://www.historiadelamedicina.org/>.

Kehl, R. (1920). *Eugenía e Medicina Social: (Problemas da vida)*. Rio de Janeiro: Livraria

Francisco Alves.

Kehl, R. (1922). *Melhoremos e prolonguemos a vida: A valorização Eugénica do Homem*.

Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Kehl, R. (1927). *Tipos Vulgares (Contribuição à Psicologia Prática)*. (2ª ed). Rio de Janeiro:

Livraria Francisco Alves.

Kehl, R. (1957). *Psicologia da Personalidade (Guia de orientação psicológica)*. (7ª ed). Rio

de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Masiero, A. L. (2000). *Sobre a psycho-eugenia: preparemos homens para defender a pátria e não para os manicômios, uma contribuição aos estudos históricos em psicologia no Brasil - 1900-1940*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Ribeirão Preto.

Masiero, A. L. (2004). *Questões sobre raça e psicologia em periódicos brasileiros: a solução eugênica (1869-1940)*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Ribeirão Preto.

Pena, S.D.J. (2008). *Humanidade sem raças?* São Paulo: Publifolha.

Schwarcz, L. M. (2005). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870-1930*. (6ª ed). São Paulo: Companhia das Letras.

Stepan. N. L. (2005). *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz.